

# Corpo e multidão: um ensaio sobre a produção de afetos políticos na performance Batucada

Paula Gorini Oliveira

## **Resumo**

*Este ensaio é fruto de um cruzamento entre três fluxos de força: a experiência prática/ participativa na performance artística do Batucada; o levantamento bibliográfico e discussão teórica suscitados a partir dessa experiência e que atravessam a pesquisa de tese disputas em rede; e um experimento investigativo de escrita voltada para fluxos de memória que conectam a experiência prática e a discussão teórica em uma mesma narrativa. O trabalho se apoia metodologicamente na cartografia, desenvolvida por Eduardo Passos, entre outros, e pela TAR/ Teoria Ator-Rede, formulada por Bruno Latour, entre outros. A escrita segue inspirada pela autora bell hooks, e as discussões teóricas abordam questões relativas ao dissenso, de Rancière; ao conceito de multidão, de Hardt e Negri; e de corpo vibrátil, da Suely Rolnik.*

**Palavras-chave:** Afetos políticos. Alteridade. Multidão. Comum.



## Introdução

Este trabalho surge de um desejo, de uma investigação e de uma experiência.

O desejo se dá de forma intuitiva, próprio aos desejos, não está formulado, mas em plena ebulição. Refere-se ao ato de flexibilizar os limites tradicionais da pesquisa e escrita acadêmica enfatizando caminhos da ordem do sensível, relacionando experiência intelectual, pessoal e investigativa. O texto é produzido como um ensaio, não se guia por perguntas preestabelecidas nem pretende apresentar resultados. Neste aspecto, o trabalho diz respeito a um posicionamento do sujeito em relação ao objeto, diminuindo a distância entre os mesmos, numa narrativa conduzida por um fluxo de memórias, como num relato de história vivida<sup>1</sup>.

Como metodologia, o trabalho se apoia na proposta da cartografia, tal como apresentada pelo livro **Pistas do método da cartografia** (2009), organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrop e Liliana Escóssia, na ideia de um “caminho que se constrói ao caminhar”, ressaltando a perspectiva de construção de conhecimento de forma conjunta e que se dá em processo, em movimento. As narrativas de memória são inspiradas na forma como a autora bell hooks<sup>2</sup>, em seu texto *Intelectuais negras*, insere recursos de memória de sua trajetória pessoal como estratégia de posicionamento político. Os conceitos e discussão teórica são introduzidos pelo próprio *fluxo de pensamento* e se apresentam na relação entre política e estética, pela leitura do autor Jacques Rancière (1996); na reflexão sobre multidão, de Antonio Negri e Michael Hardt (2012); e o sobre corpo-vibrátil, de Suely Rolnik (2006).

Na relação que se estabelece com o objeto de tese, *disputas em rede*, o trabalho dialoga com a abordagem da Teoria Ator-Rede, que procura desvelar as várias camadas em que o fenômeno se situa. As disputas em rede dizem respeito a disputas narrativas e discursivas produzidas na rede *sociotécnica* do Facebook, que será neste ensaio o ponto de partida para investigação da produção do que A. Negri e M. Hardt (2016) chamaram de *afetos políticos*<sup>3</sup>. Nesta direção, busca *revelar os nós* que conectam os vários atores que participam da rede, como forma de torná-los visíveis e, a partir disso, observáveis em sua complexidade. Ideia pautada na abordagem metodológica da TAR<sup>4</sup>, desenvolvida por Bruno Latour (2008), entre outros autores.

1 Importante ressaltar que o fluxo de pensamento que atravessará a escrita do trabalho incluindo o uso da primeira pessoa e o relato de memória se dão de forma consciente, como um posicionamento na relação sujeito-objeto e será justificado no primeiro item do artigo.

2 A autora prefere o uso da grafia em letras minúsculas para o seu nome.

3 O conceito de “afetos políticos” está sendo utilizado tal como apresentado pelos autores Antonio Negri e Michael Hardt, no livro **Isso não é um manifesto** (2016). No capítulo que dedicam às figuras subjetivas da crise, sendo uma delas o *mediatizado*, eles fazem uma reflexão sobre a intervenção das novas tecnologias em nosso cotidiano, sendo por um lado uma possibilidade de autonomia (profissional, financeira, política), e promessa de libertação e, por outro lado, a responsável pela produção de subjetividades fragmentadas e dispersas. Com base nas ocupações de 2011, os autores evocam a presença corporal como fator de agenciamento na construção de laços.

4 A observação de certos fenômenos que se dão em redes heterogêneas, formadas por humanos e não-humanos, solicitam abordagens também em rede. Rede aqui entendida como as relações que se estabelecem entre diversos atores, que não são exclusivamente pessoas, e que mobilizam o social, modificam, alteram ou o colocam em xeque (Latour, 2008).

Como forma de relacionar o objeto de tese com a investigação sobre a produção de afetos políticos, optou-se por observar tal produção a partir de uma experiência artística. A *performance* do *Batucada* é fruto de uma criação coletiva e colaborativa, dirigida pelo coreógrafo Marcelo Evelin e apresentada pela companhia *Demolition Incorporada*. Este trabalho se caracteriza por incluir em seu processo uma residência artística de 6 dias, em caráter de imersão, (6 a 10 horas por dia), mais três dias de apresentação ao público, com a participação de 50 pessoas, artistas ou não, selecionados para a residência.

Ao longo dos encontros, havia uma pergunta que funcionava como mote da ideia do que era o *Batucada*: *o que faz as pessoas se juntarem para fazer alguma coisa?* Essa coisa pode ser um ato político, uma *performance* ou um encontro. Essa pergunta me levou a investigar a questão dos afetos políticos porque, ao longo do processo investigativo das disputas em rede, observei que há um *algo* além que mobiliza as pessoas a estarem juntas, seja na luta da militância, seja no prazer do carnaval. Este *algo* não é da ordem do representável, não se pode ensaiar para executar/interpretar. Também não é apenas um conceito teórico, que se poderia discutir e elaborar racionalmente. Este é um *algo* mais complexo, que intuitivamente eu conectei com a ideia de *afetos políticos* e tentarei, ao longo deste artigo, investigar como e se esta relação é possível.

### **A escrita acadêmica e o fluxo de pensamento**

Ao longo de meu processo acadêmico, primeiro no mestrado e agora no doutorado, a escrita sempre foi um grande desafio. Os objetos com o qual trabalho tendem a ser muito familiares, autor e trabalho sempre muito implicados. Este aspecto faz com que seja importante, ou até mesmo necessário, que se inclua sujeito e objeto em uma mesma paisagem. Algumas apostas metodológicas já apresentam como recursos o uso de diários de campo, a fala em primeira pessoa, ou até mesmo, dependendo do objeto, o fluxo livre de pensamento.

No livro **Pistas do método da cartografia** (2009), desenvolvido por um grupo de pesquisadores da área de Psicologia Social, apresentam-se pistas para guiar o cartógrafo numa abordagem metodológica que tem por objetivo o acompanhamento de fenômenos em processo. Os autores tomam como premissa a construção da pesquisa “em seu próprio caminhar”, ou seja, ao longo de seu próprio desenvolvimento, a partir da interferência do pesquisador em campo. O pesquisador, ou sujeito, se confunde na mesma paisagem em que o objeto se apresenta, e assim são evocadas noções como “saber-com” em contraposição a um “saber-sobre”. (Passos et al, 2009)

Estas ideias dizem respeito à posição que observador e objeto ocupam em uma investigação e estão preocupadas com formas de abordar a discussão acadêmica capazes de dar conta da complexidade em que se apresentam os objetos processuais, a produção subjetiva e as experiências sensíveis. Assim, a cartografia se apresenta como meio de “habitar territórios existenciais” e viria a enfatizar a ideia de *comunicação* como *relação*, em que o *vínculo* se faz entre pesquisador e pesquisa (Passos et al, 2009). Seguindo a terceira pista do livro,

das autoras L. Pozzana e V. Kastrup, a criação de elos se insere como parte do método da cartografia, no “acompanhamento processual e não na apresentação de objetos”. Assim,

Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto. Nesse ponto, não é mais um sujeito pesquisador a delimitar seu objeto. Sujeito e objeto se fazem juntos, emergem de um plano afetivo. O tema da pesquisa aparece com o pesquisar. [...] Cada palavra se faz viva e inventiva. Carrega uma vida. Podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos. (PASSOS et al, 2009, p.73)

Seguindo esta mesma trilha, o texto de bell hooks, *Intelectuais negras*, manifesta a escrita pessoal, para além de um caráter de envolvimento sujeito-objeto. Para hooks, a questão racial, de classe social e de gênero, são os vetores com os quais ela estabelece sua narrativa, e as memórias pessoais em seu texto vêm a somar com um posicionamento político que a autora assume. É um posicionamento estratégico. Um posicionamento para esta subjetividade em construção contra opressões variadas. Sobre seu posicionamento intelectual, ela explica:

Esse reconhecimento vivido de como a mente pelo pensamento crítico podia ser usado a serviço da sobrevivência, como podia ser uma força curativa em minha luta para combater o desespero da infância, me permitiu tornar-me um eu autônomo na família disfuncional e levou-me a valorizar o trabalho intelectual. Valorizava-o não por ter-me trazido status ou reconhecimento, mas porque oferecia recursos para intensificar a sobrevivência e meu prazer de viver. [...] o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes. (HOOKS, 1995, p. 466)

É difícil não ser tocada por sua escrita. A honestidade com que apresenta os processos de descolonização e libertação da mente através da produção intelectual posiciona o texto de hooks num campo político. Porque, ao trazer para o texto narrativas de sua trajetória vivida como mulher, negra, norte-americana, a autora não fala apenas sobre si, numa narrativa focada no indivíduo. Ao contrário, faz uma ponte entre os universos micro e macro, cria um diálogo entre sua experiência subjetiva e a produção de subjetividade em certo contexto, (para mulheres negras sulistas norte-americanas, por exemplo). E vai além, produz recursos, “a mente pelo pensamento crítico podia ser usado a serviço da sobrevivência”, para outras mulheres também libertarem suas próprias mentes.

## As disputas em rede: de onde vieram, para onde vão?

Era começo de 2016 e um acontecimento iria marcar os fatos que se sucederiam no restante do ano, incluindo meu próprio processo investigativo e objeto de tese. A Casa Nuvem<sup>51</sup>, espaço coletivo de produção de arte e cultura, laboratório de autogestão, (em que participei em dois momentos distintos, ao longo dos 3 anos de sua duração), havia sido *invadida* pela liderança de um de seus projetos residentes (Prepara-Nem), interrompendo a continuidade dos outros projetos que ali aconteciam, de forma brusca e sem acordos ou negociações.

As pessoas que partilhavam deste espaço coletivo tinham experiências de vida diversas e trabalhavam no espaço da Casa com projetos também diversos. No começo da Casa, em 2014, o grupo contava com mais de 30 pessoas; no último ano, 2016, era uma média de 15 pessoas. Havia, no entanto, um eixo de pensamento e produção que era comum, o ativismo político, (ligado a movimentos sociais, coletivos e grupos ativistas); e de arte e cultura, (que ia desde uma produção resistindo à lógica capitalista de *mainstream* até a produção de festas experimentais, encontros de tecnologia e de produção e pesquisa em *arteativismo*).

Para justificar esta interrupção era preciso criar uma imagem negativa da casa e das pessoas que lá estavam.

A interrupção acontece quando uma das associadas, responsável pelo projeto Prepara-Nem, (projeto de preparação pré-vestibular e ENEM para transexuais e travestis, que tinha lá sua base desde 2015), começa a agir de forma dissidente ao grupo e aos acordos coletivos até então estabelecidos. Os desentendimentos chegam ao seu auge durante o carnaval de 2016, quando há um incidente de transfobia na festa de carnaval e uma das alunas do Prepara se machuca e precisa ser rapidamente socorrida. Interessante observar como o autor Jacques Rancière se refere ao termo *desentendimento*:

Por desentendimento entenderemos um tipo determinado de situação da palavra: aquela em que dois interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco, mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. (RANCIÈRE, 1996, p. 11)

Rancière possui uma ampla publicação sobre questões filosóficas da política, que muito me auxilia, ao longo do processo de investigação, a pensar em práticas e mesmo em conceitos a partir de certo deslocamento do entendimento no senso comum. Neste aspecto, ajuda a ampliar minha potencialidade de pensar sobre algo, algum fenômeno. E, como observo *disputas em rede* a partir de sua complexidade, buscando desvendar as camadas que tecem essa rede, ten-

5 A Casa seria o ponto de partida para o acompanhamento de redes de *arteativismo*, projeto de tese com o qual entrei no doutorado.

tando não inferir um olhar reducionista, o autor tem sido de grande importância para essa ampliação focal. No caso do desentendimento, parece-me coerente pensá-lo não como duas ideias diferentes em choque, mas como duas ideias iguais que não conseguem se comunicar, nem falar nem escutar.

A festa de carnaval havia sido inicialmente programada para levantar recursos financeiros para sustentabilidade da casa, que era aberta ao público geral, sendo o bar sua principal fonte de retorno econômico. Os participantes do coletivo da Casa Nuvem que estavam presentes durante o episódio, segundo relatos, socorreram a vítima e conduziram-na para o segundo andar da casa, prestando os primeiros socorros e depois a conduzindo à emergência hospitalar. A associada responsável pelo Prepara foi acionada por telefone e se dirigiu também à Casa Nuvem. Ao chegar, pediu ao DJ que parasse a música para que fizesse um pronunciamento geral. O DJ respondeu que a festa estava acabando e não parou a música. A energia da casa foi desligada e o pronunciamento foi feito. No dia seguinte, uma imagem e uma frase marcam as publicações que seriam multiplicadas ao longo dos próximos dias: “Purpurina vira sangue na Casa Nuvem”, e depois, “Casa Nuvem Transfóbica”; “Boicote ao bar da Casa Nuvem”.

Pensando sobre o termo *política* a partir de Rancière, em **O dissenso** (1996), política não é sobre acordos estabelecidos entre indivíduos e grupos, sobre seus interesses e sentimentos, mas é “antes um modo de ser da comunidade que se opõe a outro modo de ser, um recorte do mundo sensível que se opõe a outro recorte do mundo sensível” (RANCIÈRE, 1996, p. 368). O que nos chama atenção nesta abordagem é a própria aproximação semântica da ideia de *política* e de *dissenso*. Em poucas palavras, seria pensar que a política é feita de forma mais cotidiana e menos organizada, a partir do confronto entre um modo de ser social e outro que se apresenta dissonante. Isso nos auxilia a enxergar a carga política que há nesse processo de interrupção da Casa Nuvem, para o que depois virá a ser a Casa Nem (até hoje, em 2017). Essa *carga* política não é apenas sobre questões identitárias e de movimentos sociais, é sobre dinâmicas de negociação de poder, insurgentes, dissidentes, que por serem muito particulares, são também muito difíceis de reconhecer e/ou lidar.

O ano de 2016 foi passando, justo o meu primeiro ano de doutorado, agora totalmente transformado pelos acontecimentos. Eu embarco nas mudanças e as abraço, não sem receios, na reformulação de um novo objeto, agora focado nas disputas em rede. Apoiada materialmente nas ditas *tretas virtuais*, passo a investigar as disputas de narrativas produzidas na rede *sociotécnica* do *Facebook*, que parecem disputar legitimidade entre a antiga Casa Nuvem e a agora Casa Nem, com um apelo social ao público frequentador e apoiador.

A Casa Nem funciona hoje como um espaço de acolhimento para travestis e transexuais, um espaço seguro para esse público que vive à margem das políticas públicas sociais e da sociedade como um todo, num país que está entre os que mais matam transexuais no mundo (segundo informações da própria Casa Nem). Sendo assim, a Casa Nem é a concretização de uma política importante voltada para uma minoria social, e tem sido um ponto estratégico de referência

na luta do movimento *trans* na cidade do Rio. Funciona a partir de financiamento coletivo, e do apoio e trabalho voluntário de pessoas diretamente engajadas com a causa. Ainda está legalmente ligada à Casa Nuvem, uma vez que o contrato de aluguel permanece no nome dos antigos locatários.

A Casa Nem também é fruto de uma *invasão* pelo projeto até então residente da Casa Nuvem, o Prepara-Nem, seguido por uma *ocupação* pelas participantes do projeto no imóvel localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, na Lapa, ocupação que foi simbolicamente reforçada nas redes sociais pelo discurso da *transfobia*.

As disputas de narrativas via *Facebook* apresentam os rastros deixados por determinado recorte do sensível: a partilha que era produzida na Casa Nuvem e que passa a ser disputada e produzida pela Casa Nem. Este sensível disputado parece emergir de um território *simbólico* comum: práticas de produção de arte e política. Estabelece nova partilha a partir da reconfiguração do espaço físico, a casa na Rua Morais e Vale (endereço no beco do rato/ Lapa), que passa a funcionar também como abrigo temporário para pessoas transexuais e travestis, além da continuidade do projeto Prepara-Nem e da produção de festas e encontros muito similares aos que lá já antes ocorriam.

Os ex-integrantes da Casa Nuvem disputam a memória desse espaço em relatos sobre a interrupção que se deu de forma violenta (virtual, moral, verbal)<sup>6</sup>. A trajetória de um espaço que resistiu numa cidade sede de megaeventos como um ponto de encontro entre pessoas que defendiam “o direito à cidade”. Que reformaram não apenas a fachada e muros da casa, mas o próprio capital simbólico ali produzido, com uma agenda de encontros, conversas públicas, cineclubes, *mediativismo*, *tecnoxamanismo*, festas experimentais, entre outras atividades.

As narrativas que disputam a legitimidade da passagem Casa Nuvem – Casa Nem dão a ver os lugares de fala que também estão sendo disputados. Sobre o *dissenso*, Rancière propõe:

Proponho dar a esse conjunto de processos [pelos quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes e a gestão das populações, a distribuição dos lugares e das funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição] um outro nome. Proponho chamá-lo polícia, ampliando portanto o sentido habitual dessa noção. [...] Proponho reservar a palavra *política* ao conjunto das atividades que vêm perturbar a ordem da polícia pela inscrição de uma pressuposição que lhe é inteiramente heterogênea. Essa pressuposição é a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante. [...] Manifesta-se apenas pelo dissenso, no sentido mais originário do termo: uma perturbação no sensível, uma modificação singular do que é visível, dizível, contável. (RANCIÈRE, 1996, p. 372)

6 Para saber mais, busque pela #liberanuvem.

Foi pensando sobre esta “perturbação do sensível”, disputada em narrativas de *Facebook*, (não apenas em *posts*, mas também em *curtidas*, compartilhamentos, comentários e *hashtags*), que uma ideia começou a se tornar cada vez mais evidente. Há uma disputa política que é atravessada pelo território *físico* da casa na rua Morais e Vale, também disputado no que diz respeito ao contrato de aluguel desse imóvel; mas também pelo território *simbólico*, na produção de narrativas que disputam legitimidade de um fazer político, antes delimitados pela produção de *arteativismo*, agora pela produção e manutenção de um espaço de acolhimento e formação profissional para travestis e transexuais. Falam também de um território *social*, em consonância com o momento atual, em que discursos de minorias sociais ganham força e alcance potencializados pelas tecnologias digitais de comunicação. Por fim, reformulam o próprio fazer e dizer da política atual, pautadas em relações que se estabelecem entre grupos de afinidades, mobilizadas também por *afetos políticos*. Trata-se de territórios novos, múltiplos e complexos.

O que me mobilizava inicialmente, ao investigar tais disputas, era tentar entender o que nos separava tanto, e de forma tão violenta, (em ameaças *publicizadas* em redes sociais, ou veladas em grupos fechados), nós que antes fazíamos parte de um mesmo grupo, experimentando e reinventando modos de estar no mundo, de *re-existir*. Um tanto desapontada com um social e político rachados, buscava eu um retorno ao micro, ao sutil, à arte; como uma estratégia para não adoecer diante de uma disputa virtual que se corporifica para fora das redes digitais. Foi quando fiquei sabendo da chamada pública do *Batucada*, na página do Festival Panorama (festival de dança/arte contemporânea que acontece na cidade do Rio desde 1991). A chamada dizia: “cidadãos, artistas, ativistas, mulheres, homens, gays, lésbicas, travestis, *trans*, com ou sem experiência em arte contemporânea, de qualquer grupo étnico ou classe social, que tenham de 18 a 90 anos, que queiram batucar painéis e latas, que queiram trazer seus corpos para a luta, que queiram *performar* uma ficção”.

### A carne-multidão do Batucada

[...] gostarias de ser um lobo? Resposta ativa - é idiota, não se pode ser um lobo, mas sempre oito ou dez lobos, seis ou sete lobos. Não seis ou sete lobos ao mesmo tempo, você, sozinho, mas um lobo entre outros, junto com cinco ou seis outros lobos. O que é importante no devir-lobo é a posição de massa e, primeiramente, a posição do próprio sujeito em relação à matilha, em relação à multiplicidade-lobo, a maneira de ele aí entrar ou não, a distância a que ele se mantém, a maneira que ele tem de ligar-se ou não à multiplicidade. (Deleuze & Gattari, em **Mil Platôs**)

Ao ler esse trecho do livro **Mil Platôs** – (v.1,1996) de G. Deleuze e F. Guattari, imediatamente me veio a imagem da experiência do *Batucada*. A experiência que previa uma semana de imersão com o grupo de 50 *performers* que apresentariam uma *ficção*, teve para mim uma tônica no que concerne a

alteridade. Na época, escrevi um texto, que depois foi publicado na página da companhia *Demolition Incorporada* no Facebook, chamado *O difícil exercício de ser o outro*. A experiência do *Batucada* foi para mim um exercício de escuta e alteridade.

Ao entrar em contato com as críticas produzidas sobre a *performance*, pude observar que essa experiência impactante, do ponto de vista de quem estava *performando*, havia causado também impacto no público presente. Adriana Pavlova, na crítica produzida para o jornal O Globo, fala sobre *Uma avalanche de sensações* (16/11/2016)<sup>7</sup>. Além de “bagunçar” os limites entra dança e *performance*, Pavlova fala sobre um “trabalho-arrastão-político-poético: uma intensa experiência corpórea de intérpretes e público, pelas salas do Museu de Arte do Rio (MAR)” (PAVLOVA, 2016).

Como composição *artística*, (evito aqui a palavra *coreográfica* intencionalmente, uma vez que não se trata de uma coreografia, o próprio diretor se dirigia ao trabalho como “acontecimento”), havia “estações” pelas quais deveríamos, como grupo, atravessar. Essas estações eram espaciais e também imaginativas: remetiam a imagens como a do arrastão na praia, o samba na laje, os imigrantes europeus habitando lugares estreitos e precários. Também partiam de sensações como a alegria do carnaval, a força de transformação de corpos que se colocam em luta num protesto político, a sensualidade dos encontros de corpos próximos e despidos; e intenções, um estado de *idiotia* logo no começo, como no filme de Lars Von Trier, a ancestralidade de pisada na terra com os pés dos índios, ou dos movimentos de transe do candomblé. Tudo isso costurado, amplificado, pelo som das latas e painéis de metal, numa modulação de ritmo, mas em constante produção de som, que funcionavam menos como adereços ou objetos cênicos, e mais como extensão dos corpos performativos.

Mas tais “estações” não seriam atravessadas com passos marcados, ou tempos preestabelecidos. O grupo chegava nelas aos poucos, se estabelecia por um tempo, e em seguida se desfazia para adentrar uma nova “estação”. E este era o trabalho, e o mais difícil deles, uma vez que a qualidade dessas *entradas* e *saidas* daria à *performance*-acontecimento força ou fragilidade. E como não havia uma liderança nesse grupo, o movimento se dava por um corpo multidão, monstruoso, que parecia um corpo só, mas não carregava formas *a priori*. Na crítica produzida por Ivana Menna Barreto, *Batucada, looping e multidão* (22/12/2016)<sup>8</sup>, publicada na revista eletrônica *Questão de crítica*, a autora assim apresenta suas impressões sobre multidão e monstruosidade:

*Batucada não deixa claro quem comanda as mudanças nos deslocamentos, certamente há, mas a liderança não é visível. A proposta de deixar-se atravessar pelo público e de abrir espaços para que ele também se deixe atravessar pelo fluxo da performance é constitutiva dela*

7 Disponível em: <<http://rioshow.oglobo.globo.com/teatro-e-danca/eventos/criticas-profissionais/festival-panorama-2016-16920.aspx>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

8 Disponível em: <<http://www.questaodecritica.com.br/2016/12/batucada-looping-e-multidao>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

mesma e a ultrapassa, como uma criatura que vai crescendo, artistas mais espectadores mais panelas e frigideiras mais samba mais revolta mais acelerações mais silêncios. O monstro da multidão vai-se tornando visível, com sua peculiar mistura de prazer e risco [...] (MENNA BARRETO, 2016)

Diferente da dúvida levantada por Menna Barreto sobre liderança, não há no trabalho uma liderança localizada em pessoa alguma. Nem nos bailarinos da companhia, que já haviam passado pelo processo do *Batucada* antes, nem mesmo por Marcelo, diretor da companhia. Desde os encontros da residência que o caminho proposto por Marcelo, (vale lembrar que ele participa de todas as etapas, exercícios e *performance*), era sobre não haver no trabalho nenhum *solo*, nenhum *destaque*. A liderança era desse *corpo-matilha*. Para funcionar, era preciso ser o outro.

E não foi fácil.

A escuta teve que se amplificar. Era impossível ser o outro sem abrir essa escuta, primeiro nas conversas e nos jogos, depois no corpo, efetivamente. Qual direção tomar, qual intenção colocar, em que “estação” estamos entrando agora... era esse corpo de escuta atenta que saberia ouvir os outros todos corpos, e mover-se como *massa*<sup>9</sup>, “a maneira de ele aí entrar ou não, a distância a que ele se mantém, a maneira que ele tem de ligar-se ou não à multiplicidade”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 40)

Negri e Hardt, no livro **Multidão** (2012), falam sobre este corpo social que é alterado na passagem da modernidade para pós-modernidade. Para os autores, o entendimento de corpo abre espaço para um novo entendimento de carne (multidão):

Examinando nossa sociedade pós-moderna, com efeito, livres de qualquer nostalgia dos corpos sociais modernos que se dissolveram ou do povo que está faltando, podemos ver que o que estamos vivenciando é uma espécie de carne social, uma carne que não é um corpo, uma carne que é comum, substância viva. [...] Do ponto de vista da ordem e do controle políticos, assim, a carne elementar da multidão é desesperadamente fugidia, pois não pode ser inteiramente enfeixada nos órgãos hierárquicos de um corpo político. (NEGRI; HARDT, 2012, p. 251)

Ao entrar em contato com esta leitura, somos convidados a não mais falar em corpo, uma vez que não se pode estruturá-lo (o social) em limites orgânicos,

9 O uso da palavra massa, nesse contexto, se refere ao jogo que fazíamos diariamente para exercitar esse corpo-outro, essa carne-multidão. Chegava-se na massa sempre depois de alguns jogos, exercícios, de forma não premeditada. Consistia em estabelecer, preferencialmente de olhos fechados, contatos com os outros corpos. Ficávamos a uma distância mínima, corpo-a-corpo, levados por movimentos de interação espontânea, respeitando as singularidades e, ao mesmo tempo, entregando-se a esse contato, por demais prazeroso. Em algumas falas sobre a massa, muitas vezes veio a imagem de um polvo, que alcança muitos corpos com suas várias “mãos”, ao mesmo tempo em que é alcançado por várias mãos.

que pressupõe hierarquia entre as partes. A massa vira multidão e passa a ser reconhecida em seu agenciamento político, não mais renegada a estereótipos sociais como algo facilmente manipulável.

A multidão nos remete à produção de singularidades, que neste ensaio está sendo pensado como uma pista para compreender a alteridade. Não é preciso deixar de lado sua singularidade, mas talvez, como num estado de suspensão, permitir que outras “singularidades” protagonizem, através de nós, através de um comum: “As singularidades interagem e se comunicam socialmente com base no comum, e sua comunicação social por sua vez produz o comum. A multidão é a subjetividade que surge dessa dinâmica de singularidade e partilha.” (NEGRI; HARDT, 2012, p. 258)

O trabalho do *Batucada* também traz à tona essa subjetividade da multidão.

Tomemos a ideia de *singularidade* em contraponto à ideia de *individualidade*, - que dispõe de enorme arcabouço teórico, com o qual não irei me confrontar neste ensaio -, apenas como imagens para se pensar o conceito de multidão e alteridade. As singularidades, que mobilizam uma carne monstruosa, sem partes hierárquicas, parecem apontar para o coletivo; enquanto a ideia de individualidade aponta para si, para o indivíduo. A crítica de Menna Barreto relaciona as máscaras utilizadas pelos *performers* com a ideia de “desidentificação” como imagem política (como na tática de guerrilha *blackbloc*):

As máscaras, na proposta da obra, são uma tentativa de não personalizar a identidade, para deixar-se atravessar pelo outro. [...] A “desidentificação” induzida provoca uma proximidade e uma sensualidade que explode no vigor do coletivo – e é pelo coletivo que se pode perceber a singularidade desta intervenção.

A multidão parece ser o único lugar onde se pode estar nesse momento e é nela que, a partir de certo momento, somos desidentificados de nós mesmos pela estratégia de desidentificação dos artistas – assim podemos perceber vários aspectos de nós mesmos enquanto indivíduos, artistas, participantes de ações, espectadores que somos todos. (MENNA BARRETO, 2016)

Na *performance* do *Batucada*, este comum produzido pela partilha da experiência entre singularidades, extrapola limites reconhecidos. Podemos pensar que o *comum* aqui produzido diz respeito aos vínculos estabelecidos (ainda que temporários) entre singularidades, que parecem dialogar com a ideia de alteridade e de afetos políticos. Essa carne de multidão, de *desidentidades*, de singularidades, apresenta-se como monstruosa porque é resistência. Ecoa outras possibilidades de ser/estar no mundo, ou como aponta Pavlova: “É carnaval? É. É manifestação política? Também. É arrastão na praia? Talvez. É e não é, mas, ali, o que importa é deixar se levar por cada instante dessa experiência transformadora.” (PAVLOVA, 2016)

## Não pontos de chegada, mas de encontro

O que nos traz de volta à pergunta inicial do ensaio: *o que faz as pessoas se juntarem para fazer alguma coisa?*

O afeto aqui investigado não se restringe ao vínculo, podendo ser também entendido como um objeto, - um texto que inspira uma escrita -, ou a própria ideia de afecção, como uma propriedade de gerar ação. Este afeto também pode ser lido em processos de identificação entre pessoas que conjugam experiências de opressão comuns, como as intelectuais negras, na fala de bell hooks. Ou na partilha do sensível em disputas políticas, como na passagem Casa Nuvem – Casa Nem.

No que concerne a esse trabalho, o afeto, que está sendo discutido/produzido neste ensaio, desenha contornos que muito se aproximam da ideia de corpo vibrátil, tal como formulada por Rolnik. Em seu artigo Geopolítica da cafetinagem (2006), a autora discute o conceito de corpo vibrátil, a partir da distinção entre duas formas de apreender o mundo sensível pelos nossos órgãos dos sentidos. A primeira, pela capacidade cortical, é a forma como apreendemos o mundo e suas representações, montamos nosso repertório de sentidos, em afinidade com os sentidos produzidos pela cultura e sociedade, garantindo uma espécie de estabilidade para os sentidos. A segunda, subcortical, que segundo a autora foi reprimida historicamente e por isso nos é menos familiar, é o que lhe dará bases para pensar o *corpo vibrátil*. Esta capacidade não está comprometida com a estabilidade de sentidos, mas, ao contrário, é dinâmica, móvel e criativa: “nos permite apreender o mundo em sua condição de campo de forças que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações” (ROLNIK, 2006).

Esse corpo que carrega um campo de forças, uma vibração, entra em contato com outros campos de forças, influenciando e sendo influenciado, mobilizando e sendo mobilizado. Neste aspecto, o afeto como campo de vibração que mobiliza corpos é produzido a partir do outro, na relação com o outro, ou como explica Rolnik: “[...] o outro é uma presença viva feita de uma multiplicidade plástica de forças que pulsam em nossa textura sensível, tornando-se assim parte de nós mesmos.” (ROLNIK, s/p, 2006)

A partir desses encontros de forças, novas configurações podem ser criadas, reinventadas. Esta produção sensível nos é apresentada numa relação paradoxal, já que não segue às lógicas de representação e significação tradicionalmente pensadas na história do sujeito e da linguagem, e é também nessa relação de tensão que se manifesta sua propriedade criativa, ou como formula a autora:

A tensão deste paradoxo é o que mobiliza e impulsiona a potência do pensamento/criação, na medida em que as sensações que vão se incorporando à nossa textura sensível operam mutações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos, provocando uma crise de nossas referências. Assim, integramos em nosso corpo os signos que o mundo nos acena e, através de sua expressão, os incorporamos a nossos territórios existenciais. Nesta operação se restabelece um mapa de referências com-

partilhado, já com novos contornos. Movidos por este paradoxo, somos continuamente forçados a pensar/criar. (ROLNIK, s/p, 2006)

Esta cartografia do sensível produzida nas interações de corpos vibráteis, apresentada por Rolnik, nos mostra caminhos possíveis para pensar os laços que conectam os vários agentes implicados nas tramas políticas contemporâneas, nas *disputas em rede*. Assim como também podemos entender o afeto político aqui perseguido como o vínculo estabelecido entre pessoas que produzem um comum, como no processo de carne-multidão na experiência do *Batucada*.

Este ensaio buscou entrar em contato com a produção de afetos políticos, que podem ser observados em experiências diversas, em nossa atualidade. Na produção de subjetividade-multidão, na relação de corpos vibráteis, ou nas disputas de narrativas no *Facebook*: a abordagem em rede, a partir da observação da produção de afetos políticos, dá a ver formas de fazer e dizer o social e a política contemporânea. A rede conecta nestas várias experiências tecnologia, social, arte, política; e nos (re)apresenta uma perspectiva macro a partir de relações micro. Trazer para *frente* tais relações e torná-las visíveis para que possam ser observadas como fenômenos complexos, que revelam múltiplas camadas, é o exercício que estou desenvolvendo em minha trajetória investigativa. Neste aspecto, o que importa é o processo, já que a rede é móvel, como uma tessitura que nunca está pronta. Como também é o processo de pensamento/ escrita, ou de descolonização/libertação da mente. Não há assim uma resposta ou conclusão, mas novas pistas que apontam direções. Não há pontos de chegadas, mas de encontros.

---

***Body and multitude: an experiment about the production of political effects in the performance Batucada***

***Abstract***

*This experiment is fruit of the crossbreeding of three fluxes of force: practical/ participative experience in the artistic performance of Batucada (a substyle of samba); the bibliographical survey and the theoretical discussion stemming from this experience and which cross the research of the theory networked disputes; and a written investigative experiment returning to memory fluxes which connect practical experience and theoretical discussion in one single narrative. The study methodologically falls back upon cartography; such as the one developed by Eduardo Passos, among others, and by ANT/ Actor-Network Theory, such as the one formulated by Bruno Latour, among others. The writing is inspired by the author bell hooks, and the theoretical discussions address questions relative to the dissensus, by Rancière, to the concept of multitude, by Hardt and Negri; and vibrant body (corpo vibrátil), by Suely Rolnik.*

***Keywords:*** Political effects. Alterity. Multitude. Common.

---

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 1914 – um lobo só ou vários lobos? In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 37-50, v.1.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. 2.3 Os rastros da multidão. In: \_\_\_\_\_. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 247-290.

\_\_\_\_\_. **Declaração**: isto não é um manifesto. São Paulo: Ed. N-1, 2016, n. 2.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, v. 3, n. 2, p.464-478, 2º semestre de 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_. **Reensamblar lo Social**: una introducción a la teoría del actor-red. 1. ed. Buenos Aires: Manantial, 2008.

MENNA BARRETO, Ivana. Batucada, looping e multidão. *Questão de crítica. Revista digital*, v. IX nº 68, s/p, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.questaodecritica.com.br/2016/12/batucada-looping-e-multidao>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PAVLOVA, Adriana. Uma avalanche de sensações. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 6, 16 nov. 2016. Disponível em: <<http://rioshow.oglobo.globo.com/teatro-e-danca/eventos/criticas-profissionais/festival-panorama-2016-16920.aspx>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_. O dissenso. In: \_\_\_\_\_. **A crítica da razão**. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996, p.367-382.

\_\_\_\_\_. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Ed.34, 1996.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. In: Conferência Website do EIPCP/ Instituto Europeu para Políticas Culturais Progressivas, 2006. Disponível em: <<http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>>. Acesso em: dia mês ano. Acesso em: 12 de julho de 2016.

